

O “EU” NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DOS DÊITICOS

“I” IN THE CONSTRUCTION OF THE MEANING OF THE DEICTIC ELEMENTS

Makeli **ALDROVANDI**¹

Resumo: O presente artigo visa reiterar a ideia de Émile Benveniste de que a significação e referência dadas aos elementos dêiticos dependem grandemente da construção de um “eu” como sujeito que enuncia. Para isso, faz-se uma análise paralela entre a gramática descritiva, a noção saussuriana de valor e as ideias de Benveniste; e, ao final, aplica-se a teoria em um discurso comum ao dia a dia – uma ligação telefônica - e em um texto literário – um poema. As análises confirmam a ideia de que a referência dos dêiticos se constrói a partir do “eu”.

Palavras-chave: Dêiticos. Sujeito. Valor.

Abstract: This article aims to reiterate the idea of Émile Benveniste that the meaning and the referencing given to deictic elements depend greatly on the construction of an “I” as the subject who enunciates. With this purpose, we perform a parallel analysis among the descriptive grammar, the Saussurian notion of value and the ideas of Benveniste; we apply, in the end, the theory to a day to day speech – a phone call - and to a literary text - a poem. The analyses confirm the idea that the reference of the deictic elements is built from the “I”.

Keywords: Deictics. Subject. Value.

Introdução

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.

(Émile Benveniste)

Os elementos dêiticos são, muitas vezes, estudados de forma isolada, fazendo-os parecerem elementos à parte do discurso. Trata-se de um ponto de vista um tanto contraditório, já que os falantes fazem, a todo o momento, referências a tempo, lugar e pessoa. Neste artigo, será discutida a noção de elemento dêítico como parte integrante de enunciados, a partir do sujeito que enuncia: o EU. Para tanto, recorreu-se à gramática descritiva de Bechara; a Saussure e sua noção de valor; e, principalmente, a Benveniste que coloca os dêiticos em relação com o eu/tu construídos no enunciado. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é traçar uma análise desses três pontos de vista que, de certa forma, vêm a convergir em um ponto: os dêiticos necessitam de um EU para que seu sentido seja plenamente reconstruído pelo leitor.

¹ Doutoranda em Letras, na área de Linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Docente do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: makeli.aldrovandi@gmail.com

Faz-se necessário, inicialmente, conhecer a concepção de Língua e Linguagem dos autores mencionados para que se possa situar o estudo dos dêiticos em suas teorias. Em seguida, dá-se a definição de dêiticos na perspectiva de Benveniste e Bechara, e situam-se ambas as definições no conceito de valor linguístico. Para finalizar, faz-se a análise de um discurso comum ao dia a dia, uma ligação telefônica, e de um texto literário, um poema, nos quais todos os elementos dêiticos presentes adquirem seu sentido em relação com o “eu”.

Língua e linguagem

Conhecer os conceitos de Língua e Linguagem que embasam os estudos dos linguistas é fundamental, uma vez que é a partir desses conceitos que suas teorias de desenvolvem. Dependendo da concepção que eles tenham sobre Língua e Linguagem, suas abordagens apontarão para caminhos bastante diversos, já que, como afirmou Saussure (2004, pag.15), é “o ponto de vista que cria o objeto”.

Evanildo Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, apresenta os conceitos de Língua e Linguagem da seguinte forma:

Entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social, para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de línguas [...]. (BECHARA, 2005, p.28)

Compreende-se, portanto, que, para Bechara, a linguagem é um sistema abstrato, enquanto a língua é a realização da linguagem. Essa perspectiva apresenta pontos convergentes com a de Saussure: a linguagem é tida como uma entidade mais abrangente e abstrata e a língua como sua realização. Para Saussure, a linguagem é uma faculdade humana e a língua uma manifestação dessa faculdade. Saussure concebe dois conceitos de língua. Um deles refere-se às línguas como idiomas, por exemplo, o francês, o português etc. O outro é a Língua como sistema, que é o conjunto das línguas e que contém os universais de todos os idiomas.

Benveniste também desenvolve seus conceitos de Língua e Linguagem que podem ser encontrados nos *Problemas de Linguística Geral I e II*. Para ele, a linguagem também é uma abstração, mas uma abstração que faz do homem um ser, isto é, o homem percebe-se como um ser pela capacidade de linguagem, já que é por meio dela que ele se relaciona com outros seres. Para Benveniste, em seu texto *Da subjetividade na Linguagem* (Benveniste, 2005, p.286), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na

realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. A linguagem é natural ao homem e o aspecto principal da linguagem é ser constitutiva da subjetividade. Ainda no mesmo texto, Benveniste aponta:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. (BENVENISTE, 2005, p.285)

Em relação à língua, Benveniste, em seu texto *A semiologia da Língua* (2006), a concebe como o sistema de signos interpretante de todos os outros sistemas: é ela que mantém os homens unidos em sociedade. Segundo Benveniste, (2006, p.63), “somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”.

Percebemos, nesta seção, que há pontos convergentes em relação às concepções de língua e linguagem adotadas pelos três estudiosos da língua que analisamos: para todos eles, a linguagem é um sistema abstrato que se concretiza nas línguas e do qual o homem faz uso para se comunicar. Na seção seguinte, verificaremos a forma como Bechara e Benveniste definem os elementos dêiticos.

Os dêiticos

Bechara descreve os elementos dêiticos como a classe de palavras que difere do léxico por serem sem substância, isto é, por não apontarem para nenhuma entidade extralinguística. Eles seriam “gestos verbais, indicadores” (BECHARA, 2005, p.162). Bechara afirma:

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são ‘formas sem substância’, isto porque apresentam apenas ou em primeiro lugar um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e - em algumas línguas que não o português - até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico (pessoa, coisa, lugar, tempo, modalidade, etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto. (BECHARA, 2005, p.112)

Bechara deixa claro que os dêiticos não apresentam “matéria extralinguística”, isto é, não têm referência própria no mundo. Émile Benveniste, em seu texto *Os níveis da análise linguística*

BENVENISTE, 2005), também divide as palavras em categorias semelhantes às de Bechara. Para Benveniste, as palavras autônomas equivalem às lexicais de Bechara; e as sin-nomas equivalem às categoremáticas. Para Benveniste (2005, p.132), “será necessário estabelecer uma distinção entre palavras autônomas, que funcionam como constituintes de frases (são a grande maioria) e palavras sin-nomas que só podem entrar em frases acrescentadas a outras palavras”.

Entende-se, então, que, para Benveniste, as palavras sin-nomas são aquelas que terão dependência de outras para terem seu sentido construído, isso porque, como Bechara já dissera, elas não apresentam referência² no mundo. Benveniste também chama as palavras sin-nomas de signos vazios. Isso porque elas não remetem à realidade ou objetos, mas à enunciação, isto é, ao acontecimento único e histórico do surgimento de um enunciado. No texto *A natureza dos pronomes*, o linguista afirma:

A linguagem resolveu esse problema [*o da comunicação intersubjetiva*] criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à realidade, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso. Desprovidos de referência material, não podem ser mal empregados; não afirmando nada, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação. O seu papel consiste em fornecer o instrumento de uma conversão, a que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso. (BENVENISTE, 2005, p.280)

Ao fazer um paralelo entre a visão de Bechara – na Gramática Descritiva – com a de Benveniste, já se pode perceber que não há como compreender os elementos dêiticos somente por eles mesmos. Eles precisam de referência, portanto, é necessário colocá-los em relação.

Flores & Teixeira (2008) corroboram esse ponto de vista quando afirmam:

Para ele [Benveniste], o mecanismo da dêixis está marcado na língua e é colocado em funcionamento cada vez que um sujeito a enuncia. Assim, os dêiticos, embora possuam um lugar na língua, são categorias vazias e subjetivas porque, sendo signos concretos, somente adquirem estatuto pleno na e pela enunciação de “eu” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p.40)

Ou seja, em uma perspectiva enunciativa, os dêiticos apenas deixam de ser vazios e passam a ser plenos de sentido quando em relação a EU. Enquanto a Gramática descritiva, como o nome sugere, apenas descreve quais são os elementos dêiticos, Benveniste os coloca categoricamente como dependentes de uma referência para que possam adquirir significação. Sobre a referência, ou instância discursiva, Benveniste afirma: “que é, portanto, a ‘realidade’ à qual se refere eu ou tu? Unicamente uma ‘realidade de discurso’, que é coisa muito singular. Eu só pode definir-

² Adota-se o conceito de referência de Benveniste apresentado no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009, p.197), segundo o qual referência é a significação singular e irrepetível da língua cuja interpretação realiza-se a cada instância de discurso contendo um locutor.

se em termos de ‘locução’, não em termos de objetos, como um signo nominal (BENVENISTE, 2005, p.278). Isto é, o EU só se define na enunciação: o EU é o locutor. O EU não pertence à realidade do mundo, não está ligado a um objeto no mundo, mas à enunciação. Consequentemente, os dêiticos que estão ligados ao EU apontarão para a instância discursiva que contiver o EU.

Os dêiticos de pessoa

Benveniste defende que, embora a forma se repita, os elementos dêiticos se renovam a cada vez que um enunciado é produzido. Esse fenômeno acontece porque a circunstância do enunciado, ou a referência, é sempre diferente, e o próprio enunciado também o é, mesmo que as palavras usadas sejam iguais às anteriores. Daí a significativa necessidade da construção de um “eu” com o qual esses elementos serão postos em relação para, enfim, obterem um sentido. Segundo Benveniste, em *A natureza dos pronomes*, “uns [signos] pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as ‘instâncias do discurso’, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, 2005, p.277).

Neste ponto, pode-se evocar a noção saussuriana de valor, porque entende-se que os dêiticos, assim como os outros signos de uma língua, só têm seu significado completo quando postos em relação.

Em sua *Nota sobre o discurso*, nos *Escritos de Linguística Geral*, Saussure (2004, p.237) deixa claro que “A língua realiza apenas conceitos isolados que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento”, ou seja, é somente na relação entre as formas coexistentes que se pode construir sua significação. Segundo Saussure

A significação é apenas uma maneira de exprimir o valor de uma forma, valor que depende completamente das formas coexistentes a cada momento, e que é, por conseguinte, uma empreitada quimérica, não apenas querer examinar essa significação em si mesma (o que não é nada linguístico), mas querer examiná-la com relação a uma forma, visto que essa forma muda e, com ela, todas as outras e, com estas, todas as significações, de maneira que só se pode dominar a mudança de significação vagamente com relação ao conjunto. (SAUSSURE, 2004, p.41)

Pode-se associar o termo “conjunto” de Saussure nessa citação com a “instância discursiva” de Benveniste. Além disso, Benveniste parece concordar com Saussure quando afirma: “Cada signo entra em uma rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua” (BENVENISTE, 1989, p.228). Isto é, são as relações de seme-

lhança e de dessemelhança que constroem o sentido de um enunciado ou de um signo. Em relação à construção do sentido dos elementos dêiticos, Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem* (BENVENISTE, 1989, p.84) afirma que “a referência é parte integrante da enunciação”. Isto é, o locutor se refere ao mundo pelo discurso, e usa os dêiticos como meios de referência. Em *A natureza dos pronomes*, Benveniste afirma:

Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a eu/tu uma série de “indicadores” que pertencem, pela sua forma e pelas aptidões combinatórias, às classes diferentes – uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais. (BENVENISTE, 2005, p.279)

Benveniste, ao construir a noção de eu/tu, defende que eles são inversíveis, ou seja, o eu passa ser o tu, quando seu tu assume a posição de eu. Dessa forma, as instâncias discursivas são modificadas. Vê-se, portanto, como os pronomes pessoais são móveis. Não há uma forma especial para designar cada EU do universo, apenas uma, que tomará para si uma significação e uma referência diferente a cada vez que for enunciada. Assim sendo, cada vez que o EU se reconstrói, muda-se também a noção do AQUI, do LÁ, do AGORA e assim por diante, porque eles também são móveis. A referência se constrói a cada vez que se enuncia para dar significado aos dêiticos. A cada nova instância da enunciação, há um novo referente para o dêitico. No mesmo texto, Benveniste afirma (2005, p.278-279), “o eu só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido”. O signo eu tem um vazio até o momento em que se preenche sua lacuna com uma referência de pessoa que enuncia, em certo momento, de certo lugar. O “eu” também só se constrói no discurso e é só nele que o “eu” existe. De “eu” surgem outros referenciais, que tomam “eu” como seu ponto inicial, seja para representar um lugar, próximo ou longe do “eu”; um tempo anterior ou posterior ao enunciado do “eu”; etc. Em *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste aponta que:

São os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência [...] têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do eu que se enuncia. (BENVENISTE, 2005, p.288)

Mas, quem é este “eu”? Benveniste afirma existirem duas pessoas no discurso, o “eu” e o “tu”. Para o autor, a terceira pessoa é, na verdade, a não-pessoa. Isto é, é o objeto ou indivíduo de quem se fala. O “eu” e o “tu” estão incluídos no enunciado, enquanto o “ele” não. Como comprovação disso, no texto *Estrutura da Relação de Pessoas no Verbo* (2005), Benveniste mostra que a não-pessoa é a forma que as línguas usam como não marcada. Ainda sobre “eu” e “tu”, ele escreve:

Eu designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo eu, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por eu e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, eu enuncia algo como um predicado de “tu”. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do “eu-tu”. (BENVENISTE, 2005, p.250)

Como a epígrafe deste artigo diz, é na linguagem que o homem se constitui como sujeito. Ao enunciar, ele passa a ser o “eu”. E quando alguém enuncia, enuncia para alguém – o “tu”. O “eu” e o “tu” são complementares. Não se pode conceber um “eu” sem um “tu”. Vale ressaltar, no entanto, que não se trata de EU e TU reais, seres empíricos, mas de EU e TU discursivos, ou seja, eles existem na enunciação.

Os dêiticos em análise

Após refletirmos sobre as concepções de língua e linguagem dos diferentes linguistas chamados para embasar este trabalho e apresentarmos suas concepções a respeito dos dêiticos, passemos à análise. Para este fim, apontaremos nos discursos as marcas de presença do EU e como os dêiticos se relacionam a EU para se tornarem plenos de sentidos.

Primeiramente, para verificarmos o que foi dito até o momento sobre a importância do EU na significação dos demais dêiticos, tome-se um exemplo corriqueiro: uma ligação telefônica entre Locutor 1 (L1) e Locutor 2 (L2)³:

L1: Alô?

L2: Alô!

L1: Como tu estás?

L2: Estou bem, e tu?

L1: Também. Está fazendo muito frio aqui. Choveu o dia todo. E ali?

L2: Aqui não. Aqui o dia está ensolarado e a temperatura agradável.

O eu e o tu da enunciação invertem seus papéis toda vez que um ou outro assume a palavra, ou seja, o EU do primeiro enunciado passa a ser o TU do segundo, e, em seguida, volta a ser EU. Percebe-se, assim, a inversibilidade entre EU e TU que Benveniste apontara. Da mesma forma, aqui e ali também serão renovados cada vez que são enunciados. O aqui para o locutor 1 é o local de onde ele, enquanto locutor, enuncia, enquanto que para o locutor 2, trata-se de um outro aqui, o local de onde ele, locutor 2 enquanto locutor, enuncia. É graças à existência dos

³ Exemplo criado para fins de análise neste discurso.

signos vazios, ou dêiticos, que um diálogo como o apresentado pode acontecer. Se os termos eu e aqui não pudessem ser utilizados tanto por L1 quanto por L2 e cada um dos locutores necessitasse de uma forma própria para se referir a si e ao lugar de onde enuncia, a comunicação seria inviável, uma vez que não haveria um sistema comum que a permitisse.

Tome-se outro exemplo, desta vez da literatura:

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que **aqui** gorjeiam,
 Não gorjeiam como **lá**.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer **eu** encontro **lá**;
Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu **cá**;
 Em cismar –sozinho, à noite–
 Mais prazer **eu** encontro **lá**;
Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Não permita Deus que **eu** morra,
 Sem que **eu** volte para **lá**;
 Sem que φ desfrute os primores
 Que φ não encontro por **cá**;
 Sem qu'inda φ aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 (GONÇALVES DIAS, 1843)

Os elementos destacados no texto são os chamados dêiticos. São palavras que, como vimos na fundamentação teórica, tanto Bechara (2005) quanto Benveniste (2005) afirmam ser vazias de conteúdo, isto é, eles dependem de uma referência para terem seu sentido apreendido. Essa referência viria do “eu” que enuncia. Temos, no discurso acima, exemplos de pronomes possessivos, pronomes pessoais e advérbios de lugar. Há também elementos elípticos marcadores do “eu” (representados por φ e marcados no verbo pelo morfema de pessoa, tempo e modo).

O poema analisado é rico em elementos dêiticos, sejam eles pessoais, temporais ou de lugar. No primeiro verso, há o pronome possessivo *minha* acompanhado de *terra*. Essa expressão é retomada pelo advérbio *lá*, no verso quatro. Contrapondo *lá* com o *aqui* do verso três, identificamos que o locutor não está em sua terra, mas longe dela e seu discurso demonstra seu sentimento de nostalgia causado por essa distância. O *aqui*, ou *cá* – nos versos treze e quinze – é lugar onde o locutor se encontra no momento de sua enunciação. Percebe-se que seu *aqui* não é tão agradável quanto a sua terra, seu *lá*. Entre os versos cinco e oito, o locutor passa a usar o pronome possessivo da primeira pessoa do plural, *nosso* (a). O locutor pode ter optado pelo uso do plural para demonstrar que, embora longe, ainda faz parte dessa terra e, de alguma forma, sente-se parte do seu povo. Por isso, a terra deixa de ser *minha* e passa a ser *nossa*. Temos, portanto, um EU discursivo que, em sua enunciação, deixa claro que o *aqui*, ou seja, o lugar de onde o eu enuncia, não é sua pátria. O *aqui* do locutor, de acordo com seu enunciado, não é tão bom quanto o *lá*, que é o lugar distante de onde ele enuncia e que é sua pátria, cheia de belezas. Os possessivos também estão ligados a esse eu enunciador: a terra é sua. O EU inclui, em sua enunciação, seus compatriotas no seu sentimento quando o dêitico *nosso* é utilizado. Utilizando-se de *nosso* ele traz o interlocutor, ou seja, o TU para junto de si.

Como afirmou Benveniste (2005) o “eu” se constrói na instância do discurso em que aparece enunciando “eu”. É a partir dessa instância de discurso que o “eu” passa a ser o ponto central de onde os dêiticos, que são vazios de referência ao mundo, recebem sua referência: o *aqui* é onde o “eu” está, o *lá* o lugar distante de “eu”, *meu* é tudo que pertence a “eu” etc. É na instância cada vez nova de discurso que o “eu” cada vez novo dá origem às referências, cada vez novas, de *aqui*, *agora*, *meu*, *antes*, *depois* etc. A partir da noção do eu, constroem-se o lugar onde ele está falando, bem como o tempo de sua fala. Reiteramos, contudo, que não é necessário que se saiba quem é o EU empírico que enunciou, basta que a identidade do EU discursivo seja construída, já que eu é o centro do discurso.

Conclusão

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano.
(Émile Benveniste)

Não se pode pensar em linguagem, ou qualquer um de seus componentes, como elementos totalmente vazios de significado, ao mesmo tempo, não se pode conceber que eles tenham significado pleno. Se assim fosse, não seria possível construirmos discursos, não seria possível enunciarmos. Há, sim, certamente signos, sejam eles chamados sin-nomos ou categoremáticos, que aparentam ter um “vazio maior” em si, mas ainda esses trazem certa significação. Embora ONTEM seja uma palavra que precisa de referência, sabe-se que ela se refere ao dia anterior ao momento presente. Embora AQUI também busque um referente, AQUI é o lugar de onde se fala. E, acima de tudo, as referências dadas a essas palavras dependem basicamente do EU.

A partir do momento que o EU for construído como sujeito, os demais dêiticos automaticamente se constroem a sua volta e o tomam como centro de referência. Essa construção, no entanto, dura somente até o momento em que o EU deixa de ser EU, para que outro EU se apresente. Essa mobilidade da língua permite que nos comuniquemos com certa facilidade, mesmo com um número não muito vasto de elementos. Pode-se perceber isso na análise da suposta ligação telefônica em que EU e TU invertem seus papéis e, conseqüentemente, o *aqui* muda de referência: inicialmente, tratava-se do lugar de onde o Locutor 1 enunciava para tornar-se, na sequência, o local de onde o Locutor 2 proferiu seu enunciado.

Da mesma forma, ao lermos a Canção do Exílio, ou seja, ao assumirmos o papel de TU do locutor do poema, tomamos esse locutor EU como centro do enunciado e verificamos que *minha terra*, é a terra de EU, que o *aqui* é o espaço da enunciação de EU, e o *lá* é o espaço em que EU desejaria estar. Além disso, quando este EU fala de nosso céu, EU atrai TU para junto de si, no sentido de compartilhar a pertença do céu com o interlocutor.

Para Benveniste, no texto *O aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1989, pag. 82), “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização⁴.” Ou seja, por se tratar de um ato individual, o eu é responsável pela enunciação e é esse eu que serve como referência primeira ao que advir da enunciação. Pudemos observar, também, que não se faz necessária a presença de um EU empírico, real, para que o fenômeno aconteça. A preocupação de Benveniste fixa nos seres do discurso, EU e TU como elementos da enunciação, da utilização da língua para criar sentido.

⁴ Grifo meu

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*; tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2005
- _____. Os níveis da análise linguística. In: *Problemas de Linguística Geral I*; tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2005
- _____. A natureza dos pronomes. In: *Problemas de Linguística Geral I*; tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. Estrutura da Relação de Pessoas no Verbo. In: *Problemas de Linguística Geral I*; tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2005
- _____. A forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de linguística Geral II*; tradução Eduardo Guimarães, Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística Geral II*; tradução Eduardo Guimarães, Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. Semiologia da língua. In: *Problemas de linguística Geral II*; Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- DIAS, Gonçalves. *Canção do Exílio*. 1843. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gdias01.html>. Acessado em 30 de maio de 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene (organizadores). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. 1ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizadores: Simon Bouquet e Rudolf Engler. Pensamento-Cultrix, 1ª edição, 2004.

Chegou em: 28/04/2016

Aceito em: 13/09/2016